



O ESTAFETA



ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2017 - ANO XXI - Nº 251

EDITORIAL

Chegamos a mais um final de ano. A principal tradução do espírito de Ano Novo é o renascimento da esperança. Sentimos que uma nova fase se inicia em nossas vidas e, invariavelmente, nossa vontade é de que o próximo ano seja promissor. É época de sonhar e acreditar que o futuro será melhor. Fazendo uma retrospectiva de 2017, constatamos que um dos principais entraves para o crescimento e desenvolvimento do país, e, consequentemente, para a geração de empregos e renda para o brasileiro, foi a corrupção. No Brasil, ela é presença constante no seio da sociedade. É endêmica. Assistimos, neste e nos últimos anos, a uma sucessão de escândalos que expuseram partidos políticos e parlamentares se beneficiando, de maneira aviltante, do poder.

O ano que termina foi um dos piores na esfera política. As sucessivas denúncias de corrupção e a distribuição de recursos ilícitos a partidos e parlamentares expuseram a fragilidade do modelo político adotado em nosso país. Essa situação leva ao desânimo e ao descrédito. No entanto, percebe-se uma reação da sociedade, que, cada vez mais consciente, acompanha a vergonhosa atuação do Parlamento brasileiro. Já a operação Lava Jato, em curso, tem se mostrado eficaz, investigando, julgando e condenando renomados políticos envolvidos em esquemas fraudulentos. A população exige a punição exemplar dos corruptos, a moralização do Congresso Nacional e uma reforma política. Sonha com o aprimoramento da democracia – processo lento e contínuo que requer de toda a sociedade participação e fiscalização.

Debates sobre o resgate da ética e da moral devem ser estimulados. É necessário cobrar compromisso e responsabilidade de todos, principalmente dos que ocupam cargos eletivos. Que neste final de ano, sob as luzes do Natal, renovemos esperanças de que o Ano Novo venha ser melhor. E ele o será se assumirmos a mensagem de Cristo e, sob sua inspiração, abriremos nossa compreensão para o amor fraterno, o aprimoramento social, a prática da cidadania e o efetivo empenho na erradicação da corrupção.



Reprodução da Internet

É Natal! Ocasão para iluminarmos nossas ideias e fazer acontecer um novo tempo. Que haja criatividade, sensatez, brilho, magia, encanto, esperança e poesia! Tudo poderá acontecer se você quiser e deixar. Boas festas!

O espírito de Natal: generosidade e amor

“Mudaria o Natal ou mudei eu?”, questiona Machado de Assis, no último verso de seu “Soneto de Natal”.

Ao longo dos tempos, a maneira de celebrar o Natal pode ter mudado, mas, na sua essência, ele continua o mesmo.

Festa familiar, ocasião em que os parentes e amigos se reúnem para se confraternizar e, assim, reforçar seus laços. O Natal comemora o nascimento do Deus-Menino. Esta celebração permite-nos reviver a indescritível beleza do desígnio da salvação. O mistério desse nascimento nos ilumina e alegra, enchendo-nos de esperanças no meio das vicissitudes deste mundo conturbado por guerras, fome e desrespeito aos direitos humanos fundamentais. Assim, rememorar o Natal é nos transportarmos até o primeiro Presépio, fonte fecunda de benefícios espirituais. Diante dele, somos convidados a descobrir o silêncio e, nas horas de meditação, o amor sublime de Jesus Cristo por nós. É esse amor que nos liberta do apego aos bens materiais e nos coloca a serviço gratuito pelo próximo.

Natal é aprendizado. Ocasão em que somos chamados a viver com convicção a mensagem cristã da fraternidade. É um apelo para que nos empenhemos na construção de

uma sociedade solidária, sem discriminação, sem ressentimentos, de maneira que todos possam ter acesso a condições dignas, exercendo a cidadania plena. É tempo de romper com o individualismo e se doar. É tempo de tocar as mãos e os corações. É tempo de partilhar, de oferecer amor, acolhida e paz para os que estão ao nosso redor. A tão almejada paz na Terra ansiada pelos homens começa com a paz do coração. Graças à presença do Cristo-Menino entre nós, nossas energias renovam-se e nos elevam na busca desta paz.

É Natal! Momento doce e cheio de significado para as nossas vidas. É momento para repensar valores, ponderar sobre a vida e tudo que a cerca. É oportunidade de deixar nascer a criança pura, inocente e cheia de esperança que mora dentro de nossos corações. É sempre tempo de contemplar aquele Menino pobre que nasceu numa manjedoura para nos fazer entender que o ser humano vale aquilo que é e faz, e nunca por aquilo que possui.

É Natal! Ocasão para iluminarmos nossas ideias e fazermos acontecer um novo tempo. Que haja criatividade, sensatez, brilho, magia, encanto, esperança e poesia! Tudo poderá acontecer se você quiser e deixar. Boas festas!

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



A Euterpe Piquetense e seus dobrados

Por décadas, a Corporação Musical Euterpe Piquetense foi a principal e mais legítima manifestação cultural da cidade. Era constituída por poucos músicos, mas em número suficiente para fazer um barulho danado quando percorria as ruas da cidade. Por executar, com certa frequência, dobrados em ritmo acelerado, a banda, era carinhosamente chamada de Furiosa. Nossa Euterpe se apresentava nas mais diferentes ocasiões. Era presença marcante em eventos cívicos e religiosos. Seus músicos, de maneira graciosa, tocavam por qualquer motivo, muitas vezes só para quebrar a monotonia da cidade. Essa banda era patrimônio de todos e por ela a população nutria carinho especial, de maneira que era só ouvir ao longe um de seus acordes para que todos saíssem à janela para vê-la passar. Ela se fazia presente nas horas alegres e tristes da cidade. Tocava em datas oficiais, em casamentos, bailes, procissões, enterros, quermesses e paradas cívicas. Mantinha um repertório bem ensaiado e diversificado, com peças próprias para cada ocasião. Quando a cidade recebia alguma visita ilustre, lá ia a Euterpe recepcioná-la na estação ferroviária e dar-lhe as boas vindas. No tempo em que o cinema era mudo, músicos da corporação eram escalados para musicalizar a película. Grande parte do sucesso do filme dependia de seus improvisos. Se um acidente grave na Fábrica ceifava a vida de operários, a cidade cobria-se de luto. A comoção ficava ainda maior quando, durante o cortejo, a Euterpe

executava a marcha fúnebre. Comoção igual só observada nas Sextas-feiras Santas, na procissão do Senhor morto, ocasião em que ela se postava atrás do féretro.

Não sabemos precisar quando foi organizada a primeira banda de música em Piquete. O que se sabe é que na década de 1880, o comendador Custódio Vieira mantinha em sua fazenda Estrella do Norte uma banda formada por escravos. Ele custeava o maestro Porfírio de Castro para ministrarlhes conhecimento de música. Essa banda tornou-se conhecida, e era solicitada para tocar nos grandes eventos de Lorena, como a inauguração da Igreja de São Benedito e do Engenho Central. Tocaram, também quando das visitas da Princesa Isabel e de seus pais, o imperador D. Pedro II e a imperatriz Thereza Cristina.

Nos primeiros anos dos novecentos, temos notícias de uma banda percorrendo as ruas de Piquete em datas cívicas. Na segunda década, o maestro Bonfiglio de Oliveira, de Guaratinguetá, ministrou aulas de música para alunos do catecismo paroquial. Em 1920, a Euterpe Piquetense foi refundada sob a regência do maestro João Evangelista, mais tarde substituído pelo jovem José de Castro Ferreira. Zé de Castro, exímio musicista, deu cara nova à corporação. Sob seus cuidados, os músicos passaram a ensaiar semanalmente num salão junto à prefeitura, no Largo da Cadeia. Passou-se a haver preocupação com a formação dos músicos. O repertório da banda foi enriquecido, tor-

nou-se mais vasto e eclético, contando com valsas, polcas, choros, tangos, maxixes, sambas e marchas... O gênero preferido – e com o qual mais se identificava o estilo da banda – era, sem dúvidas, o dobrado. Este era considerado o principal gênero executado nas retretas que se tornaram frequentes no coreto existente na Praça João Pessoa, próximo à antiga Matriz de São Miguel.

A Euterpe, além de promover entretenimento à população da cidade, funcionava como verdadeiro conservatório, sendo responsável pela formação da maioria dos músicos. Foi, também, importante meio de estímulo de composição e veiculação de obras de autores locais. Em 1938, foi desfeita, quando seu maestro e a totalidade dos músicos, todos funcionários da Fábrica, foram convocados a compor a banda daquele estabelecimento, que estava sendo formada. A cidade ficou sem a Euterpe Piquetense, mas pôde contar sempre com primorosa Banda da FVP em todos seus eventos. Com o término desta última, os componentes da antiga Euterpe se reuniram novamente, agora sob a regência do maestro Carlos Vieira Soares, e, em 1957, se apresentaram numa grande retreta na Praça da Bandeira para a sociedade piquetense.

Legendas:

01) Retreta no coreto do largo em frente à Antiga Matriz de São Miguel, em 1933; 02) A Euterpe Piquetense, tendo à esquerda o maestro José de Castro; 03) A Euterpe Piquetense em frente ao salão do Largo da Cadeia.



GENTE DA CIDADE

Lima

Ele é conhecido por todos em nossa cidade. Não bastasse a ativa participação na vida política e social da cidade em décadas passadas, é presença constante em um dos mais tradicionais clubes de futebol de Piquete.

José Carlos de Lima é piquetense, nascido a 22 de novembro de 1948. “Mas meu registro só aconteceu em 5 de dezembro daquele ano”, conta... “Tenho duas datas de aniversário”, completa, rindo. Lima, como é conhecido, é filho de José Pereira de Lima e de Carolina Ferreira de Lima e tem uma irmã.

Lima fez o primário na escola “Darwin Félix”, quando ainda funcionava em salas separadas na rua Capitão José de Brito. Somente o último ano foi cursado no atual prédio. Lá teve como professoras D. Nita e D. Margarida e a diretora era a professora Ondina.

Conta que foi preparado para a prova de Admissão por D. Alaíde. Após o colegial, foi para o Ginásio Industrial da FPV, no qual se formou em 1966. Dos colegas, cita Otacílio Rodrigues, Pedro Augusto Pascoal e Paulo Carvalho. “Estudamos sempre juntos até o Ginásio. Fomos diplomados juntos”, diz.

Formado, ingressou na Fábrica Presidente Vargas em 1º de abril de 1967, na Oficina Mecânica (3ª Divisão). Ficou na FPV até 10 de setembro de 1976. Após três dias trabalhando no Banco Novo Mundo, ingressou na Mantiqueira. “O gerente à época era o Adilson Woldman. Disse a ele que, tendo sido aprovado no processo seletivo da fábrica de explosivos de Lorena, não podia deixar de aproveitar a oportunidade, que me daria salário e benefícios melhores”, conta. A escolha mostrou-se correta: na Mantiqueira, Lima permaneceu até janeiro de 2006, mesmo aposentado desde 1994.

Ainda na FPV cursou a Escola Normal Municipal, fundada pelo prefeito Christiano Rosa, que funcionava à noite e assim possibilitava o ensino a quem trabalhava durante o dia. “Quando havia concursos da FPV, nos intervalos do almoço eu pude ajudar muitos amigos ensinando o conteúdo para aqueles que não haviam tido a oportunidade de estudar”, relembra. E Lima não parou por aí: formou-se em Educação Física pela ESEFIC, na cidade vizinha de Cruzeiro.

Lima foi vereador em Piquete em três mandatos. Convidado por Alaor Ferreira,



que identificou o espírito de liderança no amigo vendo o trabalho que Lima desenvolvia com os jovens no time de futebol Vila Esperança, candidatou-se em 1972. Nesta eleição, pegou a suplência, mas assumiu por dois períodos a vereança. Reelegeu-se nas eleições de 1976 e 1982. “Trabalhei muito... Atuei com os prefeitos José Armando de Castro Ferreira, Alaor Ferreira e Otacílio Rodrigues... Participei da elaboração da primeira Lei Orgânica, usava a tribuna em todas as sessões, percorria o município para dar satisfação aos munícipes e identificar suas necessidades e poder elaborar indicações...”, afirma, empolgado. Percebe-se que falar da política piquetense lhe faz bem. Gosta de apresentar suas ideias, posicionar-se e defender o melhor para o município. Em 1992 foi eleito vice-prefeito, juntamente com o prefeito Cariri. Em função de choque de ideias, tomou posse, mas, no mesmo dia, afastou-se do prefeito por não concordar com suas atitudes, o que deixou claro em seu discurso de posse.

Desde 1975, faz parte do Boca de Litro Futebol Clube, time de futebol que reúne amigos piquetenses. “O Boca, hoje, tem dois times: um dos mais jovens e outro dos veteranos. Passamos bons e saudáveis momentos juntos. É uma família”, afirma.

Atualmente, Lima continua trabalhando, mas também aproveitando a família que formou com Maria Tereza Domingues de Lima, com quem está casado desde 4 de dezembro de 1982. O casal tem dois filhos.

Lima fez parte, ainda, da Sociedade Amigos de Piquete (SAP), do Rotary Club de Piquete e do Montanhês Clube. Sua história evidencia um cidadão comprometido com a melhoria e o crescimento de sua cidade.

Presente para a Educação Brasileira

Laura Chaves



Mais um ano se encerra e mais uma vez não podemos dizer que foi um ano promissor para a educação brasileira. Os dados nacionais e internacionais revelam que continuamos a patinar na qualidade – na baixa qualidade. Os motivos para comemoração são pontuais, isolados e de pouco impacto no cenário geral.

Essa constatação reacende a ideia de que o modelo de políticas públicas da educação brasileira é inoperante, literalmente caduco e precisa urgente ser reformulado. Faz-se necessário restaurar a racionalidade e o bom senso, para que se possa vislumbrar um futuro diferente, de qualidade!

Mas, como é Natal, se eu pudesse pedir um presente ao Papai Noel, não titubearia em expressar meu desejo de ganhar uma educação baseada em evidências, em comprovadas experiências de sucesso e com políticas públicas racionais e efetivas. Nada de surpresas, programas caros e pouco eficientes ou propagandas enganosas.

Esse presente é um sonho? Sim, mas que pode se transformar em projeto a partir de nossas escolhas e da nossa capacidade de transformação, pois esse presente não virá de trenó e nem pelas mãos do bom velhinho. Educação é compromisso de todos, de toda sociedade. Avançar na qualidade, portanto, exige participação e cobrança coletiva.

Então, que venha 2018 para que possamos colocar em prática novas ideias e novas soluções. O tempo não para!



Lima e colegas de trabalho da FPV

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



Que tal um “sociotecnismo”?

Para qualquer lado que você mire os olhos verá alguma coisa estranha. Tempos incríveis e sofríveis esses atuais. Ventos trazem a música da revolução tecnológica. A chamada “Revolução 4.0”. Fantástica! Absurdamente inacreditável! Mas atrasada. Muito atrasada. Lembremo-nos dos filmes da década de setenta ou oitenta, que previam robôs interagindo com humanos, carros voadores, cura de tudo quanto é doença, visita a planetas distantes, colônias em Marte e parafernália tecnológica das mais diversas. Previam tudo para o ano virada do milênio. Quiçá 2010. Stanley Kubrick com seu “2001, uma Odisseia no Espaço”, a viagem a Júpiter, o monólito espacial. Um novo sol. Mas, ainda que atrasados, chegamos lá nos dias de hoje. Temos robôs quase humanos que saltam, andam na neve, falam e têm faces altamente realísticas. A inteligência artificial está até na chamada da empresa telefônica quando nos liga para dizer que uma conta não foi paga. Os carros autoguiados que não têm motoristas, com GPS e outras firulas, podem nos levar para qualquer canto. Já é realidade. Caminhões elétricos que carregam, andam e descarregam sozinhos. Drones e táxis aéreos que nos levarão para qualquer lugar em breve. Energias de fontes alternativas como as solares, eólica, marés e termais estão no dia a dia. Telefones que fazem quase tudo e até pagam a conta no barzinho da esquina. Vendedores de pamonha, peixe e ovos que aceitam cartão de crédito e cujas “maquininhas” se conectam por comunicação sem fio. Palavras são incorporadas ao nosso vocabulário aos borbotoes: internet, wireless, wifi, whatsapp, driverless, site, gadgets etc. Impressoras 3D se vendem por preços módicos, tornando qualquer um arquiteto de pequenas coisas. O que levava meses para ser desenvolvido se faz em dias. Minúsculos sistemas embarcados de automação são vendidos via internet em sítios na China por preços inacreditavelmente baixos e entregues na sua porta pelos correios. Vivemos em um mundo novo em que profissões desaparecerão em breve e que apela para uma nova ordem mundial. Uma ordem onde a divisão de bens e recursos se

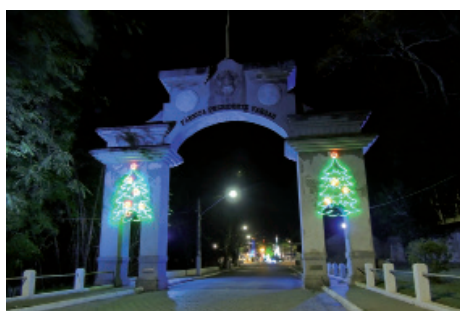
torne mais ampla, pois muitos nem terão o que fazer ou onde trabalhar. Precisamos de um novo tipo de comunismo moderno. Que tal chamá-lo “sociotecnismo”? Por outro lado, uma infinidade de pessoas perdeu o bonde da ciência, da tecnologia e da história. Refutam os dados inequívocos que provam que a Terra é uma quase esfera que gira em uma órbita elíptica tendo em um dos focos uma estrela – também esférica, girante e caminhante – que chamamos de Sol. Existem pessoas que ainda jogam no lixo anos e anos de estudos de naturalistas, geólogos, biólogos e outros homens da ciência que demonstraram por experimentos e descobertas que Adão e Eva são apenas uma forma polida de explicar a criação e que os animais – incluindo o homem – evoluíram por seleção natural a partir de outra espécie mais primitiva. No meio desses usuários de “cabeçada” e seus “tapas laterais” encontram-se manipuladores, políticos, religiosos, gente de bem, gente do mal, ignorantes e malucos. Não se percebem usando as “traíais”, nem que se guiam para um abismo pelo cabresto, freio e bridão que a eles se impõe. É óbvio que muitos lucram com isso tudo e, independente do mal coletivo que causam, mantêm-se nessa linha. No contraponto da revolução ou nova era tecnológica temos um elemento atritante. O aquecimento global. O homem avança dando passos largos para destruir o planeta. No Brasil, queima a mata para plantar capim e soja, de forma a alimentar o gado. A Indonésia queima para plantar a palma que gera óleo para indústria cosmética e química. Talvez tenhamos cada dia mais defuntos gordos e lindamente maquiados. O fogo gera fumaça que libera carbono armazenado nas árvores. O arroto do ruminante gado gera milhões de toneladas diárias de metano que, junto com o dióxido de carbono, faz da Terra uma imensa estufa que se aquece cada dia mais. Carros ainda consomem combustível fóssil que ficou guardado por milhões de anos nas profundezas. Esses combustíveis queimados colocam mais gases de efeito estufa na atmosfera. Mais calor ajuda a derreter o solo congelado da tundra: o permafrost. Ao

se derreter, o solo libera uma quantidade absurda de metano, que ajuda a sufocar a atmosfera superior. O aquecimento altera o fitoplâncton e as algas dos oceanos, impedindo o sequestro de carbono e liberando mais. Mais calor, maior degelo das calotas e do gelo permanente. Mais água doce é lançada ao mar causando o aumento do seu nível e mudanças nos rios submarinos. O equilíbrio do clima se altera. Uma coisa soma-se a outra e gera uma terceira. O ciclo vicioso nunca acaba. Países e cidades que ficam poucos centímetros acima do nível do mar como Bangladesh, Vanuatu, Kiribati, Roterdã e milhares de outras vão sumir do mapa. Tantos paraísos. Tanta beleza. Tanta gente morta. Furacões e tornados cada vez piores virão no encalço do aquecimento. Mais energia acumulada em forma de calor. Energia potencial armazenada. Essa energia se transformará em movimento ou energia cinética. Ventos, tempestades. Será então dissipada na destruição de casas, terras e plantações. Muito mais gente sofrerá. Governos de nações poderosas dão de ombros a tudo isso. Os EUA já não querem sequer assinar o Acordo de Paris, ainda que fraco e tímido como é. Ganância. Capitalismo selvagem. Países apostam ainda na dependência do óleo negro. Consumimos carne demais. Matamos o solo com nossos pesticidas porque somos gluttons. Estamos comendo nossa própria casa e determinando ações suicidas. Poluímos nossas terras, nossa água doce e os oceanos com nosso lixo e sacos plásticos. Somos mais de sete bilhões de pessoas em torno dessa frágil e cansada esfera azul. Jogamos fora mais que um saco plástico por pessoa por dia. Esgoto, sujeira. Com tudo isso, entendemos que existe uma ambiguidade intolerável no planeta Terra. Enquanto seguimos para uma revolução tecnológica com passos largos, precisamos de um “sociotecnismo” que nos permita sobreviver a nós mesmos e aos nossos companheiros terráqueos. Precisamos de um eu que pense e divida com o outro. Um eu que divida ações, divida vontade e divida bens. Até o Papa Francisco já viu, previu e tomou ações e palavras por isso. Que tal também nós darmos nossa contribuição?



“Como acolhemos a ternura de Deus? Deixo-me alcançar por Ele, deixo-me abraçar, ou impeço-lhe de se aproximar? ‘Oh não, eu procuro o Senhor!’ – poderíamos replicar. Porém, a coisa mais importante não é procurá-Lo, mas deixar que seja Ele a procurar-me, a encontrar-me e a cobrir-me amorosamente das suas carícias. Esta é a pergunta que o Menino nos coloca com a sua mera presença: permito a Deus que me queira bem?”

(Papa Francisco, na homilia do Natal de 2014)



Fotos Arquivo Pró-Memória

Natal com luzes e música em Piquete

A Prefeitura Municipal decorou a Praça Duque de Caxias com luzes coloridas, transformando-a num belo cenário que leva famílias inteiras para passearem e apreciarem a decoração. Nesse ambiente, no dia 14 de dezembro, as secretarias municipais da Educação e do Desenvolvimento Social promoveram uma Cantata de Natal. Alunos das escolas municipais se apresentaram cantando músicas previamente ensaiadas. Foi uma bela noite, em que as estrelas foram as crianças, muito aplaudidas pelo público que compareceu, especialmente os familiares.

O Natal é uma das principais festas cristãs e, sem dúvida, a mais popular. Está enraizada na vida de nosso povo. É um

momento mágico que impulsiona nosso coração a salientar os mais caros valores morais e espirituais, que acreditamos indispensáveis para a felicidade de qualquer pessoa. Ao longo dos tempos, o Natal parece ter mudado, mas, em essência, continua o mesmo.

Ao redor do fato central do nascimento de Jesus, os relatos bíblicos nos apresentam a anunciação a Maria, a visita de Maria à sua prima Isabel, o nascimento de Jesus numa gruta em Belém, a presença da estrela, a adoração dos pastores e dos sábios do Oriente, a apresentação de Jesus no Templo, a perseguição de Herodes e a fuga para o Egito... Mais tarde, por influências várias, outros elementos foram acrescentados à

comemoração e à festa de Natal, dando-lhe identidade única. Entre esses elementos estão o Papai Noel, a vela, as bolas coloridas, o pinheirinho e, principalmente, a montagem de presépios. Deturpados ou não pela sociedade dominada pelo mercado, eles constituem o eco do maior evento da história: a encarnação do Filho de Deus. E tudo isso enfeita a “Pracinha”, em Piquete, neste Natal.

Que relembremos, continuamente, que o Natal e os ingredientes que o identificam nasceram da fé e se concretizam em demonstrações de amor traduzidas em intimidade familiar, solidariedade para os mais pobres e luta pela vida, vida digna para todos, e luta pela paz.

A justiça enviesada da delação premiada

Ocupando de modo avassalador o centro do debate político brasileiro, a Operação Lava Jato trouxe consigo um termo jurídico rapidamente tornado popular: a “delação premiada”. Prevista na Lei 12.850/13, esse artifício permite que investigados, interessados na diminuição de suas possíveis penas, colaborem com a Justiça para a elucidação de crimes. Mergulhada num lago de polêmicas, a delação premiada tem sido objeto de profundo debate na sociedade e entre especialistas. No bojo dessa discussão, o jurista Aury Lopes Jr., em recente exposição na Câmara Federal acerca do assunto, apontou para uma realidade perigosa: carecendo de uma norma mais clara e completa, o instituto da delação premiada tem permitido que juízes e promotores ajam à margem da lei, desmoralizando a justiça e produzindo sentenças frágeis.

De acordo com o jurista, a delação, da maneira como vem sendo feita, apresenta dois graves problemas: primeiro, ela tem sido tomada como principal mecanismo para a obtenção de informações. Ao invés de primeiro se proceder ao levantamento de provas e informações, o Estado, logo de partida, busca obtê-las com quem tem parte

nesses delitos. Como diz o professor, se as instituições fossem eficientes em suas investigações, não haveria razão para negociarem com os criminosos. Segundo, a delação tem reproduzido uma lógica que, além de violar direitos fundamentais, é reconhecidamente falha: a tortura física e psicológica. Como nos chega através dos jornais, a prisão cautelar tem sido usada com o intuito de arrancar, sob circunstâncias de constrangimentos ilegais, as informações dos delatores. Além de condenável do ponto de vista ético, essa prática não produz necessariamente a verdade: a mentira – ou as palavras que os investigadores querem ouvir – aparece como fuga às condições degradantes.

Para além desses dois graves problemas, uma outra conduta ilegal tem sido recorrente nesses acordos: o Ministério Público (MP), que por lei negocia as delações, tem ultrapassado os limites de suas prerrogativas e assumido funções que caberiam exclusivamente aos juízes e desembargadores. Como aponta Lopes Jr., só nos acordos de delação de Paulo Roberto Costa e Alberto Youssef, para não citar outros, ilegalidades diversas se fizeram presentes: fixação de tempo máximo de pena – função que cabe

ao juiz, não ao MP –; não-sequestro de bens frutos de corrupção se a delação for capaz de garantir a recuperação de parte dos valores públicos extraviados – acordo notavelmente ilegal; passagem direta de regime fechado para aberto e outras ilegalidades.

O agravante é que muitos juízes têm homologado esses acordos mesmo com todos os notáveis problemas que os acordos guardam. Nas palavras do jurista, MP e Judiciário, à margem da lei, tem formado “consórcios de justiceiros”. Em algumas sentenças, inclusive, tem-se usado da absurda “corroboração recíproca” – sem obtenção de provas suficientes, juntam-se as palavras dos delatores e, como se estas tivessem pesos de provas, produz-se uma sentença. Essas violações são extremamente graves porque, além de desmoralizar os julgamentos e criar enorme insegurança jurídica, atentam de maneira brutal contra a própria democracia e as liberdades. Agindo sem respeito às normas, o Judiciário e o MP se afastam da busca pela justiça e se transformam em instrumentos a serviço dos interesses pessoais, ideológicos e políticos daqueles que gozam de seu controle. É urgente a colocação de limites a essas ações.

Rafael Domingues de Lima

Crônicas Pitorescas

Reembolsos

Palmyro Masiero

Um amigo de infância, de quem não tinha notícias havia mais de quinze anos, fez-me um interurbano do Rio de Janeiro (como terá descoberto meu telefone?!). Depois do bla-bla-bla inicial, rápido, pois a “tarifa não tem graça”, foi direto ao assunto. Que o filho mais velho ia casar-se e queria morar no interior. E solicitava minha interferência dando-lhe apoio e informações, enfim, ajuda para o rapaz: conseguir emprego aqui. Ele era modelador e fundidor de mão cheia e traria a mão cheia de cartas referenciais as mais importantes.

Enquanto ouvia, pela minha cabeça passava que iria sobrar mais um abacaxi para descascar. É que já peguei cada rabo de foguete nessa de apresentar filhos dos outros, que nem lhes conto! Respondi-lhe que mandasse o rapaz procurar determinada indústria daqui e já fizesse ficha, que eu iria conversar com um conhecido que trabalha no departamento pessoal da mesma e que a gente iria lutar para tudo dar certo. Agradecimentos, que precisávamos nos encontrar para reviver momentos etc...

Telefone desligado, saí dali com aquela obrigação na cabeça. Mas sabem, os outros afazeres foram-se apresentando e levemente aquilo foi deixando o pensamento e por fim esqueci-me completamente do amigo e de seu pedido.

O tempo correu e eis que um dia um jovem bate à porta e apresenta-se: era o filho do amigo lá do Rio. Já ao recebê-lo, imaginava uma mentira, que não estavam admitindo ninguém, que a situação das indústrias estava grave, uma maneira qualquer de livrar minha cara do descaso para com o caso dele. Mas levei o maior tombo do cavalo! E o cavalo pode ser do tamanho do de Tróia! Ele vinha agradecer minha prestatividade! Que

na indústria chegou, preencheu a ficha, foi chamado no dia seguinte, entrevistado e já estava trabalhando e com um salário muito superior ao que pretendia.

Devia ser, realmente, muito bom na sua arte, pensei... Trazia à mão um embrulho e entregou-me como sinal de reconhecimento por tudo quanto tinha feito por ele. Abri, com o sorriso mais amarelo do mundo, e era um aparelho de barbear importado, bacanérrimo... Quase cai de costas! Aquilo deve ter custado uma nota violenta!

Depois de um cafezinho despediu-se carregado de gratidão, dizendo que logo voltaria trazendo o convite para seu casamento.

Eu fiquei abestalhado com a oferta em minhas mãos. É duro receber um presente sem o merecer! Sentia-me inteiramente hipócrita, como devem ficar aqueles que entram para a Academia de Letras e vestem fardão sem nunca terem escrito um livro!

Minha dúvida era terrível! Ficar ou não com a oferta? Ficar seria um suplício. Iria me transformar em verdadeiro cretino todas as vezes que me fosse barbear com ele. Iria dar de cara com um biltre refletido no espelho. Não ficar e devolver seria a confissão da minha indiferença para o antigo amigo. Nenhuma das duas soluções me animava.

Um mês, mais ou menos, mastiguei o raio do barbeador importado sem decidir o que fazer com ele. Quando novamente chega à minha casa o autor da oferta, desta vez trazendo o convite para seu casamento. Ah! Foi tiro e queda! Resolveu num segundo meu problema: vendi o aparelho e, à época do seu enlace, com o dinheiro resultante do negócio comprei-lhe belíssimo presente. Ficamos quites!

Minha consciência proibiu-me de ir ao casório.

Des/Natal

*Não mais me reanima
o pensamento de outrora
de que em breve
é Natal...
Todo mundo
num vai-vem alucinado lá fora,
andando em espiral.*

*Árvores de metal,
luminosos “tinsel”,
“Jesuzinho eletrônico” e cartão musical.
Deus do céu!
O que fizemos do Natal,
que existiu de verdade,
simples, puro, real?*

*De que nos servirá
esse Natal sem preces,
sem sapatos na janela
e Estrela-Guia no céu?
Sem a Missa-do-Galo, sem o amor
que aquece,
se não resta sequer a alegria
de acreditarmos em Papai Noel?*

Myrthes Mazza Masiero

Natais

*Natal era o dia,
não a véspera.*

*Os pontos somados garantiam
a escolha dos brinquedos.
Frequência à missa e ao catecismo
– a norma pela qual se garantia
a competência na escolha.
Tudo muito controlado.
A lista dos nomes
classificava
os pontos de papelão
passados de mão em mão.*

*Temático, o presépio assistia
engalanado de verdes matos e rubras luzes.
Lamparinas em óleo.
Lâmpadas veladas em folha de celofane.
Festões.
O papel imitando a lapa.
Singelas figuras baratas.*

*Na lista dos nomes, o melhor colocado.
Qual o melhor presente?
Opiniões divididas.
A competição grassava.
Disputas vorazes.
Prêmios de consolação.
Choro, mágoas, invejas mordazes.
Promessas para o próximo ano.*

*Todos se igualavam nos saquinhos de doces.
Secos, murchos, mas doces,
de melhor ou pior qualidade.
Mas, naquele momento,
doces alguns davam travo de amargor,
de tão doces.*

Dóli de Castro Ferreira

Feliz Natal e Feliz 2018



Chegamos ao fim de mais um ano, satisfeitos com as conquistas e fortalecidos pelas dificuldades. Renovamos as esperanças e o desejo de muita luz e prosperidade para o ano que se aproxima.
Feliz Natal! Feliz 2018!

Esses são os votos da Fundação Christiano Rosa e da equipe do informativo O ESTAFETA.



Jesus Cristo existiu?

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

O que faz com que alguém seja conhecido por mais de dois mil anos? Alguma importância essa pessoa deve ter tido, para ser lembrado e reverenciado por tanto tempo e por pessoas tão diferentes, não?

Estudiosos preocupam-se em provar que Jesus Cristo existiu: buscam as provas do local onde nasceu. Querem conhecer as provas de que Ele ressuscitou. Afirmam que, como os Evangelhos foram escritos décadas ou séculos após o tempo em que Jesus teria vivido, Ele poderia ser apenas um mito criado para agregar diversas ideias.

Pergunto-me: por que tamanha preocupação em provar que esse homem existiu? A meta, na verdade, seria provar que Ele não existiu, e, assim, desacreditar uma instituição milenar surgida a partir de sua mensagem? Seria porque esse homem dividiu a história em antes e depois d'Ele? Ou porque esse homem pregou o amor, a compaixão e o respeito, tão raros atualmente? Talvez porque esse homem deixou um legado que perdura ante tantas críticas?

Vivemos um mundo turbulento: terrorismo, guerras, violência, corrupção, catástrofes, extermínios... Se todos deixássemos de lado a preocupação com a existência ou não de Jesus Cristo e imitássemos a forma como Ele viveu e perseguíssemos a mensagem que Ele pregou, estaríamos, certamente, num mundo melhor.

Aproximamo-nos de mais um Natal, o tempo em que se comemora o nascimento do Menino Jesus.

A importância do Natal não está na exatidão da data do nascimento do Menino, na forma como ele veio ao mundo, no local ou na aparência que tinha ao nascer. O Natal é muito mais do que isso tudo. O Natal é momento de reviver uma mensagem de amor, que chegou até nós por meio desse homem que se chamou Jesus de Nazaré. Pouco me importa se outros não acreditam. Preocupo-me, porém, com os que não seguem sua mensagem, pois, independente da instituição que a propaga, os erros não vêm da mensagem d'Ele; vêm da interpretação errônea e baseada em interesses particulares e secundários.

Sim! Jesus Cristo existiu: um Menino Jesus nasceu. Do jovem Jesus, pouco se sabe. Do homem Jesus, porém, temos a mensagem eterna, o Verbo Divino...

E acredito que Ele existe, que Ele está no meio de nós, pois sua mensagem está viva no dia a dia, cobrando-nos amor ao próximo, o que pode ser traduzido como solidariedade, respeito sem distinção, compaixão irrestrita...

Vamos viver, sem duvidar, nossa fé em Cristo e no poder e na atualidade de sua mensagem! Um feliz Natal a todos! Que saibamos viver a memória de alguém que, há mais de dois mil anos tentam desacreditar, mas não conseguem.

Reminiscências de um Natal

Chico Máximo

Tia Venância, preta velha, morava no morro do Cruzeiro. Fora amiga íntima de minha avó, razão do carinho que minha mãe lhe dedicava. Conheci-a já idosa, passos demorados, cabelos embranquecidos. Todos os anos, por ocasião do Natal, hospedava-se em casa. A missa do galo fazia parte do seu calendário. Comovia-se com os cânticos e os sinos que anunciavam a estrela de Belém. Chegava de mansinho, na sacola o melhor vestido de algodão e nas mãos doces de figo cristalizados ou ovos de galinha caipira enrolados em palha de milho. “Não precisava, tia Venância”. “Mas eu quis trazer. Agora é só aceitar.” Recebíamos-la com respeito, até com certa veneração – parecia saída das entranhas do tempo, das lonjuras da senzala, figura amorosa de negra paciente e conformada. Até tínhamos vontade de que ficasse morando conosco.

Foi num Natal... Há muitos anos. Finda a missa do galo, minha mãe e tia Venância de volta a casa – rumor de passos, vozes abafadas. Meus irmãos em sono profundo. Quando o silêncio repousou sobre as coisas, cauteloso, passos de ladrão, fui até a sala. Numa mesinha, o Menino Jesus, como um órfão, sem Nossa Senhora e São José. Atrás da porta, ao lado de três sapatos de criança, três pratinhos de louça, imitação de porcelana. No centro de cada pratinho, uma moeda amarela de um mil réis, nada mais. Lembranças de um Papai Noel que passara primeiro por todas as casas e nos deixara para o fim da viagem? Sabíamos que em Natal algum nos chegariam às mãos brinquedos caros e sofisticados. Contentávamo-nos com coisas simples – bolinhas de gude, carrinhos de madeira, canequinhas de louça, caixinhas de lápis de cor. Mas não as exibíamos aos companheiros, por acanhamento.

Na quietude do quarto imaginei a noite crivada de estrelas e povoada de anjos. Pensei na gruta de Belém e nos pintinhos que já deviam ter-se libertado das cascas – futuros galos músicos de bicos sonoros a varrer o chão. Era a preta Adelina quem, no casarão do meu avô, se preocupava com deitar galinhas vinte e um dias antes do

Natal, e torcia para que os “galos musgos”, como dizia, fossem saudáveis e excelentes cantores do quintal.

Adormeci sonhando com os presépios a visitar. Havia vários deles na cidade. Famoso o da Marica Pinto, que morava com uma prima cega no bairro do Poço Fundo, numa casinha de pobreza franciscana. O seu presépio era um emaranhado de ramos de taquara, o Menino Deus quase sufocado no meio de tanta galharia. Um caminho de areia ladeado de pedrinhas levaria até a gruta os três Reis Magos que já estariam viajando. Carneiros maiores que pastores, fitas coloridas, patinhos num lago de espelho, bonequinhas de celulóide... E um pires para esmolos: seria preciso comprar velas para se iluminar o sono do Menino.

Tradição visitar aquele presépio e levar presentes às duas velhinhas, de preferência arroz, açúcar, feijão, banha, pó-de-café. Em alegre retribuição, um cafezinho coado na hora, bem fraquinho, servido em canequinhas de ágata com pinceladas de flores e voejos de borboletas.

Quando acordasse, teria um programa a cumprir: a missa das crianças, um almoço melhorado e, à tarde, a passeata da meninada pelas ruas de Piquete, hosanas e vivas ao Cristo menino entronizado num andor, Ele de pézinho, túnica branca, Príncipe da paz. Gostava de ver os velhos tirarem os chapéus, se curvarem e se benzerem diante da divina Criança que passava.

Encantava-nos, na igreja, um Menino Jesus que segurava um cofrezinho onde se depositavam moedas, e, a cada donativo, Ele movimentava a cabeça em agradecimento. Aquela minha moeda do pratinho, não sei que fim levou – se no cofre do Menino Deus ou na venda do Seu Serafim Moreira de Andrade, onde havia balas de vela, bem açucaradas, aprisionadas em vidros reluzentes.

Às vezes paro e penso se aquelas três moedas não teriam sido lembranças da tia Venância, presença negra a enriquecer os nossos Natais de alegria mansa e contagiante.





Desconfortos

Estamos novamente diante da manjedoura. Estamos novamente diante do Menino Envolto em Faixas.

Atrás vemos um homem adulto. É José, da estirpe de Davi, irmão de Cléofas.

É o homem dos desconfortos.

Primeiro desconforto de José – Antes de haverem coabitado, sua prometida Maria de Nazaré apresenta-se grávida.

Segundo desconforto de José – Não encontrando lugar nas hospedarias de Belém, é obrigado a recolher-se com Maria, já na expectativa do parto, a uma gruta destinada a animais.

Terceiro desconforto de José – No Templo de Jerusalém, as profecias de Simeão e Ana amarguram a simplicidade de seu coração.

Quarto desconforto de José – A perseguição de Herodes o obriga a fugir para o Egito.

Quinto desconforto de José – Voltando para casa, depois de cumprir suas obrigações no Templo, dá pela falta do Menino então com doze anos.

Como você imagina o nascimento do Menino Deus?

Pode ter sido assim; pode não ter sido.

José sai da gruta para buscar água na bica. Maria dorme. Entra

Rafael, o Medicina de Deus. Aproxima-se de Maria e diz:

– Vem, Filho do Altíssimo!

O Menino Deus estende os bracinhos e Rafael o coloca na concha de suas asas.

José entra. Rafael entrega-lhe o Menino e diz: Este Menino tem uma missão. Protege-o até que esteja pronto! Quando o momento chegar, virei buscar-te para o descanso no Senhor.

Rafael parte.

Maria acorda, recebe o Menino e o envolve em faixa. Depois, coloca-o na manjedoura cheia de palha macia e perfumada.

O Altíssimo exigiu muito de José. Mas poupou-o do desconforto de ver o Menino – homem feito – padecer e morrer na cruz.

Aos cristãos, agrada-lhes vasculhar os Evangelhos para procurar frases lapidares que os orientem na peregrinação que fazem em busca da Pátria Celestial.

Podemos tirar o jumentinho da chuva!

José, da estirpe de Davi, irmão de Cléofas, esposo de Maria de Nazaré, guardião do Menino Deus, não disse uma só palavra em todos os seus desconfortos.

Abigayl Lea da Silva

O Verbo Divino se faz carne também em nós

A memória do nascimento de Jesus é das mais belas celebrações da tradição cristã. “O Verbo se fez carne e veio morar no meio de nós” anuncia o evangelista João, nas primeiras palavras de seu Evangelho.

A Palavra de Deus viveu entre nós, de modo que já não é apenas um livro, é uma pessoa. Jesus é a palavra de Deus, sua vida, seus atos, suas palavras, seu comportamento diante de cada pessoa que o encontrou, sua maneira de crer e viver a fé; tudo em Jesus nos revela a vontade de Deus a nosso respeito. Toda a sua vida e também a sua morte nos revelam o sentido de nosso viver e de nosso morrer.

O evangelista João escreveu ainda que “a todos que o acolheram ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus”. Aderir a Jesus, conhecê-lo e admiti-lo como Senhor e Mestre faz com que experimentemos um novo nascimento, isto é, faz com que nossa vida adquira novo sentido. Todos “aqueles que creem no seu nome não nasceram do sangue, nem da vontade da carne e nem da vontade do homem, mas nasceram de Deus”.

O mistério da encarnação do Verbo de Deus se deu de maneira plena na pessoa de Jesus, mas esse sublime mistério continua a acontecer na história, na vida de cada discípulo e discípula do Senhor.

Todas as vezes que somos misericordiosos, justos, benevolentes, mansos, caridosos, gentis, generosos, tolerantes, fraternos, verdadeiros, desapegados, pobres, a força transformadora do Verbo Divino, da palavra de Deus, age no mundo por meio de nossa vida, de nossa carne.

Celebrar o Natal do Senhor não é apenas enfeitar a casa com belas luzes, ornamentar a árvore de Natal. Tudo isso os comerciantes fazem melhor do que nós. Gastam verda-



deiras fortunas para deixar os shoppings centers com clima de Natal. Tudo isso, porém, não passa de mundanidade e recursos de marketing que despertam nas pessoas apenas o desejo de comprar e consumir. As luzes do comércio e das praças podem ofuscar o brilho da verdadeira luz. Iluminam os olhos, mas são incapazes de iluminar o espírito humano.

Celebrar o Natal verdadeira e santamente é fazer memória da humildade do Filho de Deus que não levou em conta sua condição Divina, rebaixou-se, tomou nossa carne, deixou-se chamar de Jesus como muitas crianças que nasciam em seu tempo, veio à luz em um estábulo, filho de um casal pobre, mostrou-se primeiro aos humildes e rudes pastores, que até à manjedoura acorreram guiados pelos anjos. Naquele menino estava a ternura, a fragilidade, a beleza, a docilidade, o amor, a pequenez, o despojamento. A vontade de Deus, sua palavra, o Verbo Divino estava encarnado, vivo entre nós.

Celebrar o Natal verdadeira e santamente é permitir que tudo aquilo que se pôde encontrar naquele Menino deitado em palhas se possa encontrar, também, em nós que cremos nele e o amamos. Em cada um de nós o mistério da encarnação do Verbo pode acontecer de novo. Um santo e feliz Natal a todos nós!

Pe. Fabrício Beckmann